



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

**Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e exploração da
força de trabalho**

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) E TRABALHO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

LUCAS ALEXSSANDHER TAVARES FONSECA¹

ELIANA ANDRADE DA SILVA²

RESUMO

O presente artigo trata-se de uma revisão bibliográfica que objetiva analisar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no contexto das metamorfoses do mundo do trabalho. Aqui serão apresentadas algumas sínteses elaboradas no decurso dos estudos doutorais do autor, no intuito de contribuir com a reflexão crítica acerca da temática em questão à luz dos fundamentos marxistas.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Trabalho. Crise Estrutural do Capital.

ABSTRACT

This article is a bibliographic review that aims to analyze Information and Communication Technologies (ICTs) in context of the metamorphoses of the world of work. Here, some summaries prepared during the author's doctoral studies will be presented, with the aim of contributing to critical reflection on the topic in question in light of Marxist foundations.

Keywords: Information and Communication Technology (ICTs). Work. Structural Crisis of Capital.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte

INTRODUÇÃO

O presente manuscrito se apresenta no decurso de uma pesquisa de doutorado que trata de analisar o “estado da arte” das TICs, privilegiando os nexos entre as categorias: tecnologia, trabalho, ciência, modo de produção capitalista e crise estrutural do capital. O texto aqui em evidência é produto de uma revisão bibliográfica e busca sintetizar, de maneira aproximativa, abordagens teóricas sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no campo do marxismo, entretanto, sem desconsiderar outros matizes.

Muitas são as análises assentadas no tempo presente, acerca das tecnologias e da instauração de uma possível “era tecnológica” ou “sociedade informacional” (Castells, 2013). Ao contrário dessas teses, evidenciamos as chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como um diverso e complexo agregado de conhecimento técnico-científico que, no capitalismo assume a forma-mercadoria ao mesmo tempo em que é utilizada como meio/instrumento de exploração do trabalho.

Anterior à discussão contemporânea das TICs é necessário comunicar ao leitor deste artigo nossos pressupostos iniciais para a compreensão da “tecnologia” em seu sentido etimológico. Nas palavras de Pinto (2005, p. 219): “a tecnologia tem de ser a teoria, a ciência, o estudo, a discussão da técnica, abrangidas nesta última noção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e, generalizadamente, os modos de produzir alguma coisa.”

A partir dessa concepção, podemos analisar que na seara do capitalismo contemporâneo, as tecnologias se expressam não somente nos equipamentos como celulares, tablets, computadores etc, mas, sobretudo, a partir do desenvolvimento das bases da nanoeletrônica, em softwares, sistemas, algoritmos etc. Essa nova configuração tecnológica marca o capitalismo desta época, que se apropria das TICs para convertê-la em um potente instrumento de gestão, controle e exploração da força de trabalho.

Portanto, seguiremos neste manuscrito a exposição de elementos sínteses para a compreensão do lugar da tecnologia no decurso histórico do capitalismo, com ênfase nas contribuições da teoria marxiana. Além desta introdução e das considerações finais, o artigo está subdividido em outros dois itens. No primeiro item está assentada a análise da constituição do capital como relação social e o desenvolvimento das forças produtivas no estágio de consolidação do modo de produção capitalista, marcado pela passagem da manufatura para a grande indústria (Marx, 2017). Já no segundo tópico, trataremos de analisar a utilização das Tecnologias de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Informação e Comunicação (TICs) enquanto estratégia de retomada da expansão capitalista frente à crise estrutural do capital (Mészáros, 2011).

Não é de intuito deste artigo tratar de todas as particularidades que concernem a temática das tecnologias e do mundo trabalho em constantes transformações. Trata-se, especialmente, de contribuir com aproximações teóricas e reflexões críticas sobre o que julgamos ser o elemento central na mediação das novas formas que assumem a exploração do trabalho no capital em crise.

CAPITALISMO E TECNOLOGIA: do maquinário fabril ao maquinário informacional-digital

É imperativo considerar o modo de produção capitalista enquanto um estágio historicamente transitório de desenvolvimento (Marx, 2017) e que se torna particularmente o reino de produção ampliada de mercadorias, mais do que isso, desenvolve-se e opera no seio das relações sociais enquanto um sistema de reprodução e controle sociometabólico (Mészáros, 2011).

O capital como fenômeno sócio-histórico, como relação social se apresenta em formatos variados a depender das determinações das fases que o originam e sob as bases nas quais se desenvolve, em cada particularidade nacional ou de regiões do mundo. O fato é que o capital existe antes da forma capitalista de produção (Paniago, 2012), isto não quer dizer que estamos tratando de fenômenos econômicos distintos ou fraturando a história, pelo contrário, expressamos aqui a assimilação de que o capital se desenvolveu em tão alto grau que passou a dominar a produção, a circulação e o consumo de mercadorias em escala global.

Nas palavras de Marx (2017, p. 786) “a estrutura econômica da sociedade capitalista surgiu da estrutura econômica da sociedade feudal. A dissolução desta última liberou os elementos daquela.” Nesta esteira, não seria prudente afirmar que o processo de acumulação de capital e, por conseguinte, a constituição do modo de produção capitalista, tenha ocorrido de maneira uniforme, ou até mesmo tenha sido datada com precisão.

O desenvolvimento histórico do capitalismo é impensável sem a separação do trabalhador dos meios de produção, esta é a base da sujeição do trabalho ao capital, com isto sucede um sistema de exploração/opressão/dominação que controla não somente a produção ampliada de mercadorias, mas também determina a esfera da reprodução das relações sociais, pois o capital é sempre uma relação social (Mészáros, 2011).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A processualidade histórica da emergência do capitalismo traz consigo um elemento chave para sua compreensão: só é possível desvelar os fundamentos do capitalismo no seio da acumulação de capital (usurário, mercantil, fundiário etc.) a partir da exploração da força de trabalho e da apropriação do excedente econômico. Marx (2017, p. 786) afirma que

[...] A relação capitalista pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho. Tão logo a produção capitalista esteja de pé, ela não apenas conserva essa separação, mas a reproduz em escala cada vez maior. O processo que cria a relação capitalista não pode ser senão o processo de separação entre o trabalhador e a propriedade das condições de realização de seu trabalho, processo que, por um lado, transforma em capital os meios sociais de subsistência e de produção e, por outro lado, converte os produtores diretos em trabalhadores assalariados

Nos seus mais diversos estágios e modelos históricos, o modo de produção capitalista passa por movimentos constantes que levam à sua consolidação, à sua maturidade. É somente quando o processo de trabalho está subordinado realmente ao capital, quando o trabalhador perde o controle desse processo, que o capital encontra as melhores condições para incrementar a produção do excedente (Netto e Braz, 2012, p. 126). O processo de consolidação do capitalismo é, necessariamente, o processo combinado entre desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção baseadas na divisão social e técnica do trabalho, que garantem ao capital a base geral de toda produção de mercadorias (Marx, 2017).

A divisão do trabalho, que gradativamente transforma as ações do trabalhador em operações cada vez mais mecânicas, de maneira que, em determinado ponto, um mecanismo pode substituí-los. Assim, o modo específico do trabalho é aqui transferido do operário para o capital sob a forma de máquina, e sua própria capacidade de trabalho é desvalorizada por essa transformação. (Marx, 2015, p. 703)

Os estágios capitalistas que antecedem a ampliação da inserção do maquinário fabril à produção de mercadorias, têm como marca a utilização de ferramentas rudimentares, a realização de trabalhos parciais, a presença do trabalho artesanal e um tempo médio de produção longo. É somente na passagem do estágio manufatureiro para a grande indústria que o capital abre novos mercados e aprimora a produção de mais-valor. Quando a própria ferramenta é transferida do homem para um mecanismo, surge uma máquina no lugar de uma ferramenta (Marx, 2017).

A máquina é resultado de um longo processo evolutivo de incessantes modificações nos elementos técnico-materiais do processo de trabalho. Antes disso, na verdade, é necessário situar o processo de evolução do maquinário como processo de evolução do homem enquanto ser que o constrói (Pinto, 2005).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

[...] Na genealogia das máquinas o primeiro motor é o homem, e isso em duplo sentido: ideal porque elas surgem do projeto que só a constituição cerebral do homem é capaz de engendrar; e material, porque a energia do corpo humano constitui a primeira fonte de movimento a ser aplicada aos mais primitivos instrumentos e engenhos mecânicos. Mas as máquinas não se destinam à realização de trabalho para um indivíduo isolado. O projeto de criá-las só pode ter origem no seio de uma coletividade, de um grupo humano onde já vigoram relações de produção. (Pinto, 2005, p. 79)

Na esteira dessa análise podemos considerar o maquinário em um movimento substantivo que o expressa simultaneamente como: 1) agregado de conhecimento científico; 2) produto da atividade humana consciente; 3) mercadoria adquirida pelo capital e; 4) componente da produção na forma de capital constante.

Para Marx (2017) a relação da classe trabalhadora com o maquinário ganha um maior tónus no processo da Revolução Industrial, momento em que as máquinas passam a assumir um papel notável, de modo algum central, no processo de valorização da produção. Desde então, o maquinário e suas derivações entram em um processo de aprimoramento e amadurecimento constante para responder a dinâmica da produção de mercadorias.

A descoberta e utilização do fogo, a criação da roda ou do machado, a máquina movida à carvão ou à vapor, a esteira fordista, a informática, o computador e outros instrumentos podem ser considerados enquanto forças produtivas, mas antes disso, são resultados “do aproveitamento da acumulação social do conhecimento, que permitiu que fossem concebidas e realizadas. Não derivam das máquinas anteriores enquanto tais, mas do emprego que o homem fez delas.” (Pinto, 2005, p. 20)

O maquinário informacional-digital utilizado na produção e circulação de mercadorias no capitalismo hoje não pode ser visto apenas sob a ótica de evolução do maquinário fabril, com uma nova face. É, antes, retrato do desenvolvimento da consciência e capacidade produtiva de homens e mulheres, ao mesmo tempo em que demonstra a capacidade do capital em desenvolver a ciência como fator econômico em favor da sua expansão.

Se é verdade que o capital se apropria da ciência e da tecnologia, logo as ferramentas e instrumentos derivados/agregados se convertem em instrumentos de exploração do trabalho, pois são adquiridas por empresas, inseridas no circuito da produção e orientadas para este papel. Aqui reside a principal similitude entre a máquina fabril e o maquinário informacional-digital, ainda que em estágios distintos, cumprem a função de potencializar os lucros.

Entretanto, o capitalismo vivencia na sua fase atual as imposições de uma crise que ameaça a manutenção de sua acumulação e de suas taxas de lucro, e isto forja um lugar vital a ser ocupado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) de maneira massificada e decisiva para o plano estratégico do capital em crise. Estas considerações serão melhor evidenciadas no tópico a seguir.

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) E TRABALHO NO CAPITAL EM CRISE: novas estratégias de valorização do valor no capitalismo contemporâneo

É impensável visualizar o capitalismo sem a presença das crises caracterizadas pela interrupção do crescimento da produção, queda da taxa de lucros, depressões, falências, desemprego e miserabilidade. “A história, real e concreta, do desenvolvimento do capitalismo, a partir da consolidação do comando da produção pelo capital, é a história de uma sucessão de crises econômicas” (Netto e Braz, 2012, p. 169).

Na concepção de Mészáros (2011) as crises capitalistas caracterizam o encontro do capital com os seus próprios limites intrínsecos dados a partir do seu movimento de expansão e das



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

contradições que perpassam a acumulação. Mais do que um evento periódico, as crises são a marca do capitalismo maduro que se revela instável e desigualmente desenvolvido em dadas realidades nacionais.

Indiscutivelmente as crises se expressam e podem ser caracterizadas pelos seus efeitos, visto que existem repercussões nas esferas da vida social. Entretanto, analisar as crises pelos seus fundamentos nos implica recorrer às elaborações que não se detém às causas únicas que nos auxiliam a desmistificar algumas falácias que são disseminadas no campo das ideologias burguesas. À exemplo do desemprego que aparece como ocasionador da redução da produção, ou seja, como causa da crise econômica, na verdade em se tratando das crises no modo de produção capitalista “é a redução da produção que ocasiona a diminuição da força de trabalho utilizada (isto é, o desemprego)” (Netto e Braz, 2012, p. 171). As crises, como aponta Marx, denotam o processo de interrupção e suspensão da reprodução ampliada do capital.

A crise é assim a expressão do caráter particularmente contraditório assumido pela acumulação do capital. Contraditório porque os interesses do capitalista entram em frequente oposição, mais ou menos aguda, com seus interesses enquanto integrante da classe capitalista. Vejamos um exemplo: se o capitalista A vê cair a sua taxa de lucro, ele pode inicialmente dispensar trabalhadores e aumentar a intensidade do trabalho, esperando assim diminuir os custos e reencontrar suas margens de ganho. Mas, se muitos capitalistas fizerem o mesmo – e o capitalista A não pode impedi-los de fazê-lo –, a meta buscada não é alcançada. Longe de se restabelecer, a taxa de lucro cai e a crise se generaliza. (Salama e Valier, 1975, p. 115 *apud* Netto e Braz, 2012, p. 171-172).

Por mais que as crises componham o sistema global do capital, a natureza da atual crise se difere de qualquer outra, pois o movimento já não mais permite intervalos entre expansão do capital e recessão econômica. Para Mészáros (2011) a crise do capital que experimentamos hoje é fundamentalmente uma crise estrutural, pois seu caráter é universal, seu alcance é global, sua escala de tempo é global e seu modo de desdobramento é rastejante, atingindo todas as esferas da vida social.

Em meados da década de 1970, com o esgotamento dos modelos de produção de tayloristas fordistas, somada à nova conformação da geopolítica mundial, o sistema do capital protagoniza uma das mais profundas e longas crises da sua história. A crise estrutural dos anos 1970 “estreitou a margem de manobra do capital e muitas das concessões do passado foram retomadas” (Paniago, 2012, p. 51). Nesse sentido, “no contexto de crise estrutural, o desenvolvimento das forças produtivas aparece apenas no horizonte como potencialidade frustrada, contida e reprimida pelo próprio capital” (Polese, 2016, p. 41).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A crise implica uma reorientação ou reconfiguração das formas de manutenção do capital por meio da recomposição das taxas de lucro, dada pela extração de mais-valia. Portanto, na seara do capitalismo contemporâneo, não há equívoco em associar capital à crise. O capital na atualidade deste tempo histórico carrega consigo a necessidade de melhorar suas perspectivas de acumulação, por isso, se utiliza de novos ajustes estratégicos onde a superexploração do trabalho, a reestruturação produtiva e o desemprego, tornam-se não somente inevitáveis, como também fundamentais (Paniago, 2012).

Enquanto parte da agenda estratégica do capital em crise, visualizamos a ampliação e o aprimoramento da utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs). A amplitude e o alcance das tecnologias digitais impactam a totalidade dos processos de trabalho, não apenas a produção material do “chão da fábrica”.

Nesse contexto, as transformações tecnológicas se aceleram e revolucionam as forças produtivas, introduzindo novas técnicas cada vez mais intensamente incorporadas a processos produtivos, produtos e mercadorias, que dispensam grandes contingentes de trabalho vivo, ampliam a superpopulação relativa e criam massas de trabalhadores(as) descartáveis e supérfluos para as necessidades médias de valorização do valor” (Raichelis, 2022, p. 06)

As TICs só são capazes de valorizar o valor ao serem empenhadas na produção de mercadorias, ao entrarem no circuito da produção capitalista com o papel de otimizar o tempo de trabalho necessário na produção de bens e serviços em escala ampliada. Nas palavras de Mandel (1982, p. 181), “a inovação tecnológica acelerada implica o crescimento acelerado da produtividade média do trabalho”.

É verdade que nem toda atividade produtiva requer a utilização das TICs, entretanto elas se configuram como um elemento vital entre os distintos mecanismos de acumulação criados pelo capitalismo do nosso tempo, que massifica o subemprego, torna a informalidade uma regra e corrói os dispositivos jurídico-normativos de proteção do trabalho. Aliado a isso, o capital se vale de um apelo ideológico para a manutenção da sua exploração sob essas bases, pois existe “um falso apelo de que as tecnologias trazem uma suposta liberdade ao trabalhador, que agora pode se livrar da maldição do trabalho manual, fatigante e mecânico, que tolhe ou mutila o desenvolvimento do indivíduo” (Mandel, 1982, p. 184).

A realidade é que as TICs inauguram uma nova configuração para o mundo do trabalho, onde a precarização se torna uma regra e se defronta com as solicitações de uma força de trabalho cada vez mais semiqualficada e polivalente, determinada aos baixos salários e

desprotegida dos seus direitos. Antunes (2020) caracteriza isso enquanto um fenômeno global denominado de *escravidão digital*.

[...] Por definição, o capital tende a aprofundar o uso de novas tecnologias para aumentar a produtividade do trabalho e os lucros e para ter mais vantagem na competição; é da sua natureza a inovação, a menos que seja desincentivado por situações como a concorrência espúria. Não se trata de trocar o trabalhador pela máquina, como se fossem concorrentes, mas de tornar o trabalho mais produtivo. (Filgueiras, 2021, p. 81)

É sob esta máxima de “mais trabalho” que o novo incremento da tecnologia se mescla com as velhas formas de exploração, semelhantes àquelas que a classe trabalhadora vivenciava no período da Revolução Industrial. O trabalho mediado pela tecnologia, sobretudo aqueles realizados por meio das plataformas – os chamados trabalhos *uberizados* – é executado em jornadas extenuantes, sem proteção trabalhista, com instrumentos adquiridos pelos próprios trabalhadores.

Este retrato, por si, caracteriza a derrocada das teses que vocalizam que o capitalismo globalizado produz uma “sociedade em rede” ou uma “sociedade da informação”, cada vez mais conectada e solidária, conforme afirma Castells (2013). Ao contrário disso, o que presenciamos hoje é uma sociedade cada vez mais exposta aos vilipêndios da superexploração do trabalho, com o tempo de vida fixado ao tempo de trabalho e com menos possibilidades de construções de sociabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procuramos analisar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) sob uma perspectiva crítica, entendendo que a tecnologia em si não é boa ou má, mas depende das relações sociais em que está inserida. O intuito deste trabalho foi justamente levantar novas questões e hipóteses contrárias à vilanização da tecnologia, propondo mediações e reflexões sobre o papel das TICs na seara do capitalismo contemporâneo. A partir da teoria marxista, analisamos como o desenvolvimento tecnológico está intrinsecamente ligado às dinâmicas de valorização do capital, mas também como ele pode ser apropriado de maneiras que desafiam essas mesmas dinâmicas.

É importante frisar que as tecnologias são um produto do trabalho humano e ferramentas reprodutoras deste trabalho como característica elementar do próprio desenvolvimento das forças produtivas e da ciência (Mandel, 1982), portanto se faz necessário superar qualquer visão



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

unilateral, fragmentada ou romântica acerca do advento tecnológico pois, nem as TICs são forças motrizes independentes e nem as suas expressões em aparelhos, sistemas, algoritmos são produções realizadas tão somente para responder problemas práticos do cotidiano. O que queremos exprimir é que tanto as próprias tecnologias quanto as teorias que fundamentam as análises e, a própria cientificidade que carrega no seu desenvolvimento possuem um caráter de classe, são transformadas em mercadorias e em ferramentas que possibilitam a ampliação de extração de mais-valia.

Nas mediações sobre a tecnologia nos dias atuais, destacamos a disputa de direção e as contradições inerentes ao seu uso. Enquanto o capital busca cada vez mais otimizar a exploração do trabalho por meio das TICs, há também potencialidades para usos alternativos que podem contribuir para a emancipação social.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2. ed São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. Boitempo Editorial, 2022.

ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

DANTAS, Marcos et al. **O valor da informação: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet**. Boitempo Editorial, 2022.

FILGUEIRAS, Vitor. **“É tudo novo”, de novo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. (Os economistas). São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. Boitempo editorial, 2015.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. 1. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

PANIAGO, Maria Cristina Soares. **Mészáros e a incontabilidade do capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

POLESE, Pablo. **Que tipo de crise? István Mészáros e a crise estrutural do sistema do capital**. Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, v. 14, n. 37, 2016.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RAICHELIS, Raquel. Tecnologia, trabalho e pandemia no capitalismo em crise: admirável mundo novo?. **Serviço Social & Sociedade**, p. 5-16, 2022a.

RAICHELIS, Raquel [et. al.] (orgs). **Nova-velha morfologia do trabalho no Serviço Social: TICs e Pandemia**. São Paulo: EDUC: CAPES, 2022b.

RAICHELIS, Raquel [et al.] (orgs). **A Nova Morfologia do Trabalho no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.